



a trilha do significante “psicofármaco”

Sara Elena Hassan **1**

Resumo: Na trilha do psicofármaco como significante, a travessia da coisa à palavra e à linguagem. A idéia de “composição”/“armação” (*Gestell*), em Heidegger, envolve um questionamento da essência do objeto tecnológico e permite pensar na mediação da linguagem. Discorre-se, a partir daí, sobre o lugar do psicofármaco na escuta psicanalítica, articulada aos efeitos poéticos da linguagem, em poema de Dannie Abse **#**.

Palavras-chave: psicofármaco, significante, linguagem, escuta.

Abstract: In the track of psychodrugs as signifiers, a route going from the thing to word and language. The idea of “ Enframing as translated by Willoiam Lovittin Harper & Row Publishers,1977 / or Composites- as translated by Richard Rojcewicz in *The Gods and Technology* . State University New York Press, 2006 ” (*Gestell*), in Heidegger, involves questioning the essence of the technological object e allows to think in the mediation of language. A reflection follows about the place of psycho-drugs within the psychoanalytic treatment/ listening, articulated to the poetical effects of language in a poem of Dannie Abse.

Key-words: psycho-drugs, signifiers, language, listening.

1 Sara E. Hassan é psiquiatra e psicanalista em São Paulo. Docente no Centro de Estudos Psicanalíticos, Membro do Conselho de Redação da revista virtual *Acheronta* (www.acheronta.org) e autora de textos vários de psicanálise publicados em livros e revistas.

E-mail: saraelenahassan@hotmail.com; sara.elena@terra.com.br

Abse, Dannie: *Selected Poems* London: Penguin, 1994, esgotado - Tomei conhecimento do poema de Abse, em “*The Gods and Technology*”, de Richard Rojcewicz, State University of New York Press, 2006, uma leitura sobre “A questão da técnica”, de Heidegger.

Through it,
over young women’s tense abdomens,
I have heard the sound of creation
and, in a dead man’s chest, the silence
before creation began. *The Stethoscope*, de Dannie Abse

A partir da psicanálise podemos abordar o psicofármaco com um viés diferente da química. Podemos acolher e dar conta das ressonâncias desta vertente da atual avalanche de tecnologia química, a partir da escuta e do olhar na clínica psicanalítica.

Um psicofármaco pode ser muitas coisas; mas na intimidade da clínica psicanalítica esse produto da química é um significante, mas não um significante daqueles que poderão “passar batidos”. Como significante mestre, ele sugere supressão de sofrimento, promessas de bem-estar, via efeitos da química no organismo. Neste sentido, o significante mestre não tem nenhum ponto em comum com o trabalho do sintoma em transferência na singularidade de uma análise, distante daquele tipo de promessas.

Encontramos na poesia “*The Stethoscope*” (O Estetoscópio, versão livre em português, não-autorizada), do escritor e poeta galês contemporâneo Dannie Abse, uma fonte para pensar esse lado paradoxal das coisas da tecnologia e suas transmutações pela via da interlocução e da linguagem.

Para Dannie Abse, o estetoscópio deixa de ser apenas um ícone da medicina, um simples dispositivo amplificador de som.

Através dele,
sobre tensos abdomens de mulheres jovens,
tenho escutado o som da criação
e, no peito de um homem morto, o silêncio
anterior ao começo da criação

Ele passa a ser, na escrita de Abse, algo pelo qual se dá a possibilidade de escutar nos abdomens das mulheres (grávidas, imagino) o som da criação, e no tórax de um homem falecido, um silêncio de morte, anterior à criação. Fragmento onde podemos ler, na inversão dos tempos, o tempo do morto, anterior à vida. Morte-vida no trabalho de escansão poética dos momentos de vida e morte.

Deveria
então rezar? Reverenciar este instrumento, embandeirar uma
procissão de estandartes?
dependurar esta coisa no interior da uma igreja fria, escura, mofada?

Decorrente de uma primeira escuta, por parte do autor, de algo de essencial envolvendo os grandes enigmas da vida e da morte aparece uma questão, após o estetoscópio ser apresentado primeiro como um obscuro objeto de adoração.

Deveria
me ajoelhar na sua presença, salmodiar um apotegma²
de um texto menor? Emular um sacerdote ou rabino, as cadências
dos homens religiosos?
Jamais! Porém mesmo assim posso elogiá-lo.

Em seguida aparece a mágica da linguagem nas suas modalidades rituais. E uma rejeição: “Jamais!” A partir daí, a escuta aguda e palavra criativa operam mais além de qualquer idealização, imaginarização, fetichização, depreciação ou culto dos recursos da tecnologia.

Deveria
ao fazê-lo, celebrar meu próprios ouvidos,
ao elogiá-lo, elogiar a linguagem à meia-noite, quando os homens se
tornam filósofos;
risos de sádios e insanos.

² Apotegma: dito curto e sentencioso, aforismo, máxima.(Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

Assim, Abse mostra que elogiar o estetoscópio é, ao mesmo tempo, louvar palavras e linguagem. E logo mais vem a virada do sacro para o sério. Aquele primeiro objeto adorado vai se transformando cada vez mais em objeto discursivo, e o poeta passa a considerar o estetoscópio de um Outro lugar onde o fundamental é quem escuta a relevância das origens e das causas. É desta vez que o objeto se torna pura trama poética.

Gritos noturnos
de criaturas feridas, de olhos bem abertos ou cegos; sonatas à
luz da lua numa agulha;
amantes com pombos nas gargantas;
travessia desde as origens do vento.

Considero o poema de Abse inspirador para pensar esse outro objeto da tecnologia, desta vez, da tecnologia química, que é o psicofármaco, toda vez em que ele entra na prática analítica, tecida na transferência, aberta aos obstáculos, resistências e limites aí gerados, como condição mesma de sua existência e possibilidade de abertura à cena inconsciente³. O psicofármaco como significante fica, então, tomado nessa dialética da transferência e da resistência, assombrando ou iluminando essa dialética.

Como significante absoluto, incondicionado, independente, S1 na álgebra de Lacan, não relacionado *a priori* com outros significantes, o psicofármaco dependerá, em boa medida, da capacidade de escuta do analista, do seu desejo de analista, de como ele vai circular pelos lugares e posições discursivas, de como pensa as modalidades do ato analítico numa clínica com pacientes medicados. O psicofármaco funcionará (ou não) como significante absoluto, S1 na álgebra de Lacan, tornando-se um assunto maior no tratamento. Omni-presente nas associações do analisando pode conduzir a *impasses* no tratamento psicanalítico. Ou, pelo contrário, poderá destravar momentos de detenção do mesmo. Entre a experiência de uso e a fala do analisando em análise, o psicofármaco virá à luz enquanto significante, na medida em que possa ser acolhido no discurso analítico.

O analista no lugar do mestre, do amo como agente, é o oposto do analista no lugar de objeto causa de desejo, aquele que é causa o desejo do analisante. Não que o analista nunca venha a ocupar aquele lugar ou circular por ele; mas o analista não pode estar apenas do lado do S1, sendo que S1 é um lugar de estrutura, e não depende apenas de um autoritarismo pessoal.

Quando pelos seus próprios limites, por conta dos seus “pontos cegos”, não é possível ao analista sustentar sua posição, ou também nos casos em que este se depara com um limite da estrutura psíquica do analisando frente ao insuportável, ou em geral nos momentos de grande irrupção de angústia, dor ou qualquer excesso, face a uma questão de *quantum* de sofrimento, não cabe à psicanálise medi-lo. Mas quais as implicações na transferência em um contexto de prescrição de psicofármacos?

Vejamos um caso apresentado por Wylie, Harold W. & Wylie, Mavis L. *An effect of pharmacotherapy on the psychoanalytic process: Case report of a modified analysis*. 1987. (Resumo AN: 1987-28741-001 em PsycInfo, citado por Janaina Franciele Camargo /Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, em “A transferência no discurso psicanalítico após Freud: uma revisão bibliográfica” (inédito), no qual uma mulher de 39 anos se dispõe a fazer um tratamento psicanalítico, mas parece não reconhecer, ou até rejeitar, as “interpretações transferenciais”. Textualmente, “permanecia não apta para desenvolver uma transferência analisável”. Descobriu-se mais tarde (o resumo do texto citado não refere como essa descoberta se produz) “que a paciente padecia de uma depressão atípica, ligada a uma anomalia

³ Cena inconsciente: se refere a uma Outra cena (pontuação de Lacan), diferente do que podemos chamar “cena da consciência ou consciente”. É o lugar dos processos inconscientes. Freud se refere a ela como “*Ein anderer Schauplatz*” (nos Estudos sobre a Histeria, entre outros)

neuroquímica”. A análise mudou após a administração de Phenelzina (antidepressivo de primeira geração) durante dez meses. Tais mudanças aconteceram não só na análise, mas também na vida privada da paciente. Os autores

(ambos psicanalistas da IPA) apóiam a hipótese de que “a vulnerabilidade afetiva da paciente teria inibido sua capacidade para estabelecer a transferência”, atribuída então pelos autores ao desbloqueio operado pelo antidepressivo. “Vários problemas aí surgem para discussão, tais como aqueles atinentes a quem administrou o recurso; se assim fazendo não teria vindo a ocupar indevidamente o lugar do suposto saber”, acrescentam Camargo e Mello Neto. Ou, por que não pensar nos *impasses* da transferência desdobrada a partir de alguma mudança de posição do psicanalista concomitantemente à entrada em jogo do medicamento?

Em que medida, me pergunto, não é o próprio tratamento psicanalítico que abre neste caso a via da descoberta da anormalidade neuroquímica?. É possível deduzir que foi apenas a via química durante os 10 meses de administração do fármaco para a suposta anomalia neuroquímica, que bastou para mudar o tratamento, a “talking cure”? Isto é, que algo da ordem da química modificou a relação do sujeito com a palavra, e reduziu as resistências ao tratamento?.

Estou chamando de “x” esse momento do analista de se deparar com um limite ou rochedo. E por isso mesmo (e, mais além deste rochedo, a sua castração?) por que não se colocar então em condições de fazer jogar esse momento, de relaná-lo como uma incógnita, onde “x” equivale a “a”, semblante de objeto causa de desejo? 4

Exatamente aí onde a palavra faltou ao analisando. O fato de o psicofármaco incidir sobre a biologia quer dizer que ele é fator precipitador de reações bioquímicas, em geral previsíveis, mas nem por isto ele se torna uma “causa” no sentido forte, sem continuidade com os efeitos, tal como David Hume a questionou, que é diferente da idéia de mecanismos previsíveis, sucessivos, como seriam as “causas”, agora entre aspas, ou seja, nas leis dos funcionamentos da tecnologia, os mecanismos de ação dos psicofármacos, entre outros. Para Lacan, a causa é sempre vinculada ao que não caminha, àquilo que manca. “Cada vez que falamos em causa, sempre tem algo anti-conceitual, indefinido.”

A aposta do psicanalista pode envolver o psicofármaco no cálculo do seu ato; isto é: o psicofármaco pode ser contornado pelos limites do seu ato. E neste sentido, sobre a possibilidade do encaminhamento ao psiquiatra para avaliar a necessidade de medicação assim como para qualquer outra decisão do analista, só depois poderemos saber se teve ou não valor de ato 5. Note-se que, o caso acima apresentado pareceria sugerir que é o próprio psicanalista que poderia ter medicado. O que seria questionável por colocar a questão do deslocamento de um campo para outro, de uma ética para outra. Tal como Lacan o entende, o ato envolve o risco de um corte cirúrgico. Eis que tudo recomeça aqui e, como mostra Abse na sua poesia, torna-se possível resgatar da tecnologia, na tecnologia, e pela tecnologia o esquecimento daquilo que a originou.

Com Heidegger

O psicofármaco é, como tal, estranho ao método psicanalítico, mas ele pode ser localizado numa certa interface ou limite externo com a psicanálise: não há prescrição de psicofármacos que não passe pelo relacionamento, qualquer que seja sua característica, com quem o prescreve. É nesse sentido que o medicamento “controlado” passará a contornar um real, em sentido lacaniano, um impossível, o que volta sempre ao mesmo lugar, ou mais simplesmente um limite com o qual a gente vai se acostumando.

4 Objeto causa de desejo: é neste lugar, como objeto “a”, causa de desejo, objeto discursivo, que o psicanalista se coloca, segundo J.Lacan, para promover a produção do sujeito em análise.

5 Ato psicanalítico: modalidade de intervenção do psicanalista com consequência, isto é, que só se define pelos seus efeitos, a posteriori, no après-coup.

Para Heidegger, a tecnologia contemporânea é, na sua essência, uma *Gestell*, termo vertido ao português como “composição”, ou “armação”. A “*Gestell*” impõe uma demanda imperiosa de apropriação, e responde a uma lógica, sem piedade, de substituição no circuito dos objetos descartáveis, adequados ao consumo, que se movimentam, de acordo com Lacan, no círculo vicioso do “discurso capitalista” por ele descrito.

Para Heidegger (1953) A questão da técnica, 1997, Cadernos de Tradução, pág.41 / Ensaio e conferências, pág.11, a essência da técnica é diferente da técnica. É um modo de conhecimento ou desvelamento do Ser, e não apenas a arte de utilizar ou instrumentar.

A *techné* antiga era, na sua essência, facilitadora do surgimento na natureza daquilo que é: *alétheia* (desocultação) é, ao mesmo tempo, *poiesis*, criação. A *techné* moderna, diferentemente é *aletheia* sem *poiesis*, enxergando a natureza como fonte de energia a acumular. A *Gestell* depõe, destitui a *poiesis*. Mas por outro lado é possível deduzir do texto de Heidegger que o “perigo” da tecnologia é também a “salvação”, o que tem de mais dialtizável. Isto é, aparece o caráter ontológico da moderna tecnologia.

A *Gestell* é um dos nomes do Ser, em seu modo de des-ocultação, envolvendo portanto uma questão a desvelar sobre a nossa relação com ela. Heidegger apela à *Gelassenheit*, termo traduzido habitualmente como “serenidade”, mas também como “tomada de distância ótima para pensar” (*detachment*, em inglês), de modo algum passiva, perante o olhar tecnológico devastador da *Gestell*.

Se a *techné* é em sua essência um modo de *aletheia* (des-ocultação), como pensá-la em relação aos psicofármacos quando eles são fabricados para adaptar e acalmar? Como pensar, então, os psicofármacos a partir do discurso psicanalítico?

A psicanálise se contrapõe às respostas fáceis, rápidas e mecânicas dos psicofármacos frente às formas neuróticas do sofrimento psíquico, na medida em que ela permite resgatar um outro olhar sobre o que é *Gestell* (composição, armação).

O psicanalista tem a possibilidade de escutar e olhar de outro lugar que não o de Amo, S1. Como na poesia acima, de Dannie Abse, sobre o estetoscópio. A palavra abafada, como silêncio da pulsão, sempre pode ser lida como o momento anterior à subjetivação.

A *techné* nos implica em uma pergunta sobre a nossa relação com ela. Deste modo, podemos pensar o psicofármaco não apenas em função de uma necessidade química ou de mecanismos como contraposto à psicanálise, mas, como portando as perguntas que necessariamente envolve como *Gestell*. É neste ponto que acho possível estabelecer articulação entre o estudo do uso de psicofármacos e a psicanálise, na medida em que, à maneira do estetoscópio, a tecnologia química assim pensada pode também amplificar voz e sons do sujeito. Enquanto isso, a psicanálise continua operando no seu próprio campo e a partir da sua especificidade (inconsciente, repetição, desejo do analista, transferência, e etc.).

O analista pode escutar os significantes da técnica, na singularidade de uma cura.

Até que ponto os psicofármacos afetam o ser humano na sua essência, ou seja, a sua liberdade, para restringi-la ou ampliá-la, passa a ser também notadamente a mola de quem escuta.

Referências bibliográficas:

*Abse, Dannie: *Selected Poems* London: Penguin, 1994, esgotado - Tomei conhecimento do poema de Abse, em *"The Gods and Technology"*, de Richard Rojcewicz, State University of New York Press, 2006, uma leitura sobre "A questão da técnica", de Heidegger.

The Stethoscope, by Dannie Abse

Through it,
over young women's tense abdomens,
I have heard the sound of creation
and, in a dead man's chest, the silence
before creation began.

Should I
pray therefore? Hold this instrument in awe
and aloft a procession of banners?
Hang this thing in the interior
of a cold, mushroom-dark church?

Should I
kneel before it, chant an apothegm
from a small text? Mimic priest or rabbi,
the swaying noises of religious men?
Never! Yet I could praise it.

I should
by doing so celebrate my own ears,
by praising them praise speech at midnight
when men become philosophers;
laughter of the sane and insane;

night cries
of injured creatures, wide-eyed or blind;
moonlight sonatas on a needle;
lovers with doves in their throats; the wind
traveling from where it began.

O estetoscópio, de Dannie Abse (texto completo em português, versão não autorizada pelo autor)

Através dele,
sobre tensos abdomens de mulheres jovens,
tenho escutado o som da criação
e, no peito de um homem morto, o silêncio
anterior ao começo da criação.

Deveria
então rezar? Reverenciar este instrumento, embandeirar uma
procissão de estandartes?
dependurar esta coisa no interior da uma igreja fria, escura, mofada?

Deveria
me ajoelhar na sua presença, salmodiar um apotegma
de um texto menor? Emular um sacerdote ou rabino, as cadências
dos homens religiosos?
Nunca! Porém mesmo assim posso elogiá-lo.

Deveria
ao fazê-lo, celebrar meus próprios ouvidos,
ao elogiá-lo, elogiar a linguagem à meia-noite, quando os homens se
tornam filósofos;
risos de sadios e insanos.

Gritos noturnos
de criaturas feridas, de olhos bem abertos ou cegos; sonatas à
luz da lua numa agulha;
amantes com pombos nas gargantas;
travessia desde as origens do vento.

Camargo, Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto. “A transferência no discurso psicanalítico após Freud: uma revisão bibliográfica”. In: *Acheronta XXIV*. Revista virtual , www.acheronta.org.

Hassan, Sara E., *O psicofármaco na escuta e no olhar psicanalíticos*. II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental. Belém do Pará, setembro, 2006.

_____. “Psicanálise e psicofármacos nos discursos prevalentes”. *Pulsional*, Revista de Psicanálise, n. 183 – ano XVIII – set., 2005.

Heidegger, Martin: *A questão da técnica - Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin: *A questão da técnica - Cadernos de tradução No 2, 1997*. Departamento de Filosofia. Universidade de São Paulo. Tradução de Marco Aurélio Werle.

_____.: *A questão da técnica - Ensaio e conferências* – Petrópolis: Vozes, 2002.(EC)

Lacan, Jacques. (1969-1970). O Seminário. Livro XVII, *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. Seminário XI, *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Espanha: Barral Editores, 1977. Impreso en Corominas, Hospitalet

_____. “Posición del inconsciente”. In: *Escritos 2*. Mexico: Siglo XXI, 1985.

Rojcewicz, Richard: *The Gods and Technology – A Reading of Heidegger* -. New York: State University of New York Press, 2006.

Wylie, Harold W. & Wylie, Mavis L. *An effect of pharmacotherapy on the psychoanalytic process*: Case report of a modified analysis. 1987. (Resumo AN: 1987-28741-001 em PsycInfo [Fonte: internet, na página da PEP , Psychoanalytic Electronic Publications]), citado em revisão bibliográfica por Janaina Franciele.